

74/05/19
O Estado de São Paulo
Supl. Literário

O MESTRE

SBH
DL/4 2221
(1/5)

O jornalista Carlos Castello Branco é um dos muitos amigos e admiradores que Prudente de Moraes, neto, conquistou enquanto chefiava a redação do "Diário Carioca". Neste artigo ele presta homenagem a quem foi, de certo modo, seu professor da "difícil arte" do comentário político.

Os setenta anos que agora comemoramos não são evidentemente os de Pedro Dantas mas o de Prudente de Moraes, neto. Pedro Dantas nasceu na década de vinte sob o império de circunstâncias sentimentais que condicionavam a vida desse homem extraordinariamente vocacionado e preparado para a experiência literária. Quando eu o conheci, no fim da década dos quarenta, ele transpusera para o jornalismo, a crônica política e a crônica esportiva o nome que escolhera para assinar os poemas que sonhara fazer (ele é o autor da "A Cachorra") e a crítica literária de que cedo se tornara mestre. Pedro Dantas e Prudente de Moraes, neto, fundiram-se numa só e mesma pessoa, tão dotada para tudo quanto fazia que logo se identificava à esmerada formação de um homem de elite que não perdera, antes, incorporava à sua experiência mais íntima os valores da cultura popular. Ele tanto conhecia a filosofia, a psicologia, o direito, a literatura, a música, o teatro, a história, a política quando se mostrava permeável às manifestações de arte popular, principalmente o samba, que cantava e compunha. Ninguém mais aristocrático nas maneiras nem mais sensível e humano no trato quanto esse homem grave e doce que entrava ao cair da tarde no "Diário Carioca", apertando a mão de cada um, do porteiro ao diretor e onde recebia com requintes de delicadeza gente tão

distante uma de outra quanto Prado Kelly e Ismael Silva.

Foi a partir dessa época que me tornei seu companheiro e amigo. Admirador já o era, desde a adolescência cheia de sonhos literários em que seu nome fulgia ao lado de Sérgio Buarque de Holanda na aventura estética do modernismo. Conheci-o como gente, como o companheiro e mestre leal e persuasivo, que me contava um caso cada madrugada no bonde que tomávamos juntos para a zona norte. Nessa época, ele era o cronista parlamentar do "Diário Carioca", cujo fundador, J.E. de Macedo Soares, imaginara ter como comentarista da Constituinte de 46 o neto do presidente da Constituinte de 91. Sua formação jurídica dava especial densidade às suas crônicas que se incorporaram aos anais daquela assembléia na qual influiu largamente. A política empolgou-o e dominou-o, tanto mais quanto ele vivia num jornal político, cercado de companheiros políticos. Certa noite ouvi dele que não conseguia mais dar importância à literatura, tão grande lhe parecia o dever de participar como cidadão da vida pública da sua pátria. A prática do regime de 1946 logo o decepcionaria e, sob o estímulo de Pompeu de Souza, conspirador nato, iniciou-se nessa difícil arte nos idos de 1950, quando se filiou ao movimento clandestino que pretendia impedir a posse de Getúlio Vargas. Conspirou depois para derrubá-lo. Conspirou contra a posse e contra o governo de Juscelino, como voltaria a conspirar contra João Goulart, desde sua

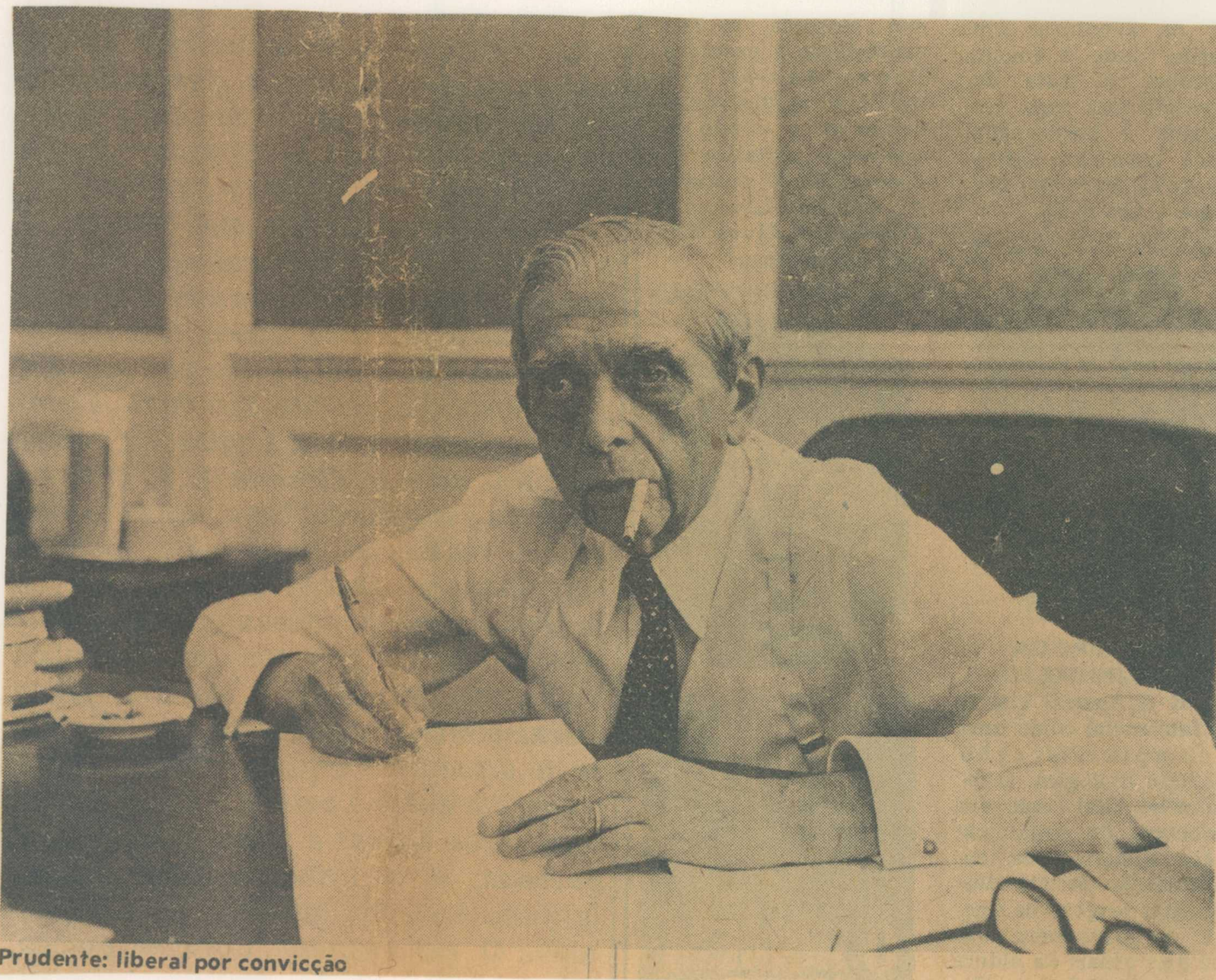
posse na presidência. Conspirou sempre, pois, nos momentos de baixa, sempre havia um brigadeiro, um coronel ou outro civil disposto a ir-lhe ao cochicho já então na redação da sua sucursal carioca de "O Estado de S. Paulo", para onde se passara.

A revolução de 1964 terá nele seu mais antigo conspirador. Já então ele não estava na linha de defesa da Carta de 46, mas na da revolução que implantaria um regime de exceção a fim de que se reorganizasse a república sob padrões éticos indispensáveis. O drama entre a revolução que se fez e a que ele pretendu fazer prolonga-se no tempo, tanto mais quanto atribui o imenso tempo de transição ao fato de ter caído a revolução, nos primeiros tempos, em mãos revolucionárias. A longa espera, no entanto, não o perdeu para a política nem para as atividades espirituais. Sua série de ensaios psicológicos publicados no "Estado" recordam um tipo de preocupações que o persegue longamente. E o reencontro com o amor, na maturidade feliz, lhe preparou o reencontro com a literatura, que voltou a ser um dos seus temas, segundo se depreende dos ensaios críticos que periodicamente nos traz de volta o jovem crítico da "Estética" dos anos 20.

8B11
24/4 P. 80
(2/5)

OHOMEM CORDIAL

Prudente de Moraes, neto, aos 70 anos.



Prudente: liberal por convicção

Chapéu, bengala, suspensórios, charuto na boca e uma pasta na mão esquerda enquanto a direita se estende para cumprimentar, um por um, os seus companheiros de trabalho. Assim se continua traçando o "retrato falado" de Prudente de Moraes, neto — tal como sua imagem se fixou na retina dos remanescentes do modernismo, dos sambistas da Velha Guarda, dos fundadores do Madureira, dos velhos frequentadores do Jockey e, principalmente, dos colaboradores do inesquecível "Diário Carioca". O charuto foi trocado por cigarros "mata rato", no caminho dos 70 anos que ele completa agora. Mas a estrutura nunca se alterou: conservador por formação, liberal por convicção, Prudente é, por temperamento, o protótipo do homem cordial.

"Sou apenas uma pessoa que presta atenção à vida." É assim, com a simplicidade dos espíritos lógicos — vide entrevista de Sérgio Buarque de Hollanda (pag. 5) — que Prudente de Moraes, neto, explica a incomum conjugação de interesses manifestada ao longo da sua existência: advocacia, jornalismo, política, literatura, samba, futebol e turfe, para ficarmos só nas suas paixões públicas e notórias.

Prudente, Prudentinho ou Prudentão — como é chamado nos seus diferentes círculos de amizade — surgiu na crista da onda do modernismo, com menos de 20 anos de idade, e pouco depois adotava o pseudônimo Pedro Dantas para uso literário e jornalístico. Crítico particularmente severo para consigo mesmo — "escrevi alguns contos sem importância" — esquece-se de mencionar seus 14 poemas incluídos na "Antologia dos Poetas Brasileiros Bissexto Contemporâneos", de Manuel Bandeira.

Diz que se tornou jornalista por acaso e mostra, achando graça, sua carteira de repórter deste Jornal — é um dos nossos mais brilhantes articulistas e foi diretor da sucursal do Rio, de "O Estado", durante dez anos, depois de ter colaborado e ocupado cargos de chefia em vários órgãos da imprensa carioca. Na sua carreira de cronista político, afirma, tem sido "objetivo quando possível, participante quando necessário".

Trabalha em advocacia desde que ingressou, ainda adolescente, na Faculdade Nacional de Direito, e é, há seis anos, Consultor Geral Jurídico da Light — mas a única contribuição profissional que lembra com orgulho indistigável, é seu curso de Técnica e Crítica Literárias, realizado na Escola de Filosofia e Letras da antiga Universidade do Distrito Federal.

BALA OU PROJÉTIL

Chamava-se Malvino Reis, naquele tempo, a rua Aristides Lobo, no Rio Comprido, onde Prudente nasceu. Em menino, ele só saía do Rio para passar férias em Piracicaba e, à maneira das famílias tradicionais, estudava em casa com professores particulares. Sua primeira escola foi o Externato do Colégio Pedro II onde, na época, se dava preparo militar. Um dos seus poucos colegas de turma que vieram a se destacar na vida pública foi Augusto Rademacker.

— No 5º ano, minha turma foi entregue ao capitão Batista, instrutor do Internato. Sofri muito nas mãos dele e não pude fazer o exame de reservista: fui expulso do seu curso de teoria militar porque não conseguia reprimir o riso que ele provocava com sua mania de acrescentar um sinônimo a cada palavra que dizia. Copiei e decorei para sempre este trecho de uma das suas aulas: "A bala ou projétil sai ou parte do fuzil ou arma. Quando o homem ou soldado ouve ou escuta o silvo ou barulho da bala ou projétil, joga-se ou atira-se à terra ou chão".

O ministro José Eduardo do Prado Kelly e o professor Celso Kelly foram contemporâneos de Prudente no colégio: "O primeiro ainda vestia uniforme quando publicou Tumluto, livro de poemas muito elogiado pela crítica. Ele estava um ano à minha frente e eu, totalmente deslumbrado pela vida literária, dedicava-lhe uma admiração sem limites. Devolvi, por exemplo, uma descoberta muito importante para mim naquele tempo: a poesia de Menotti del Picchia. Apreendi trechos inteiros de cor. Anos depois, já na década de 40, eu vinha pela avenida Rio Branco com Santa Rosa, de quem fui muito amigo. Ouvimos um barulho súbito e forte, parecendo uma ventania. Menotti reapareceu no fundo de minha memória e eu falei com suas palavras: "Foi o vento, talvez". Santa Rosa continuou: "Sim, talvez fosse o vento". Tínhamos bebido na mesma fonte...

Foi Prado Kelly, também, quem apresentou o jovem Prudente a Graça Aranha. "Tão importantes quanto os irmãos Kelly, do ponto de vista de publicidade, só tive como contemporâneos no Externato três jogadores de futebol — Orlando Moreira Torres, que chegou à ponta-esquerda do Flamengo, Simas, do Esporte Clube Mangureira, e Nilo Murtinho Braga, que se notabilizou no Botafogo e na Seleção.

Nossa conversa desvia-se da literatura para o esporte: "Meu gosto pelo futebol vem de antes do colégio, do tempo das peladas na rua Barão de Itambi onde morei por 13 anos. Quebrávamos algumas vidraças mas interrompíamos o jogo para deixar passar Bilac que vivia na casa pegada à de meu pai".

Já a simpatia de Prudente pelo Madureira, veio muito mais tarde: "Eu seguia os campeonatos de futebol pelo rádio e tinha amigos na área, como Rodrigo, do Botafogo, e o cronista Alvaro Paes Leme, mas era homem de corridas. Certo dia tive de ir a Madureira, onde numa havia pisado. Indagando o caminho da casa que procurava, fui dar em frente a uma construção que me pareceu importante para o bairro. Perguntei o que era aquilo e — quando me explicaram tratar-se de um estádio de futebol — de onde vinha o dinheiro para a obra. Mais impressionado fiquei quando soube que o estádio estava sendo pago por Aniceto Moscoso, um banqueiro de bicho. Admirei o entusiasmo dos rapazes que treinavam no campo ainda inacabado. Comecei a acompanhar, com carinho, os resultados dos jogos do pequeno clube que acabava de passar para a primeira divisão".

Tempos depois, numa roda de torcedores, alguém perguntou a Prudente qual gema o seu clube: "Eu não soube me definir, mas Alvaro Paes Leme falou por mim: Madureira. Ele tinha razão. Fico contente quando o Madureira ganha, triste quando perde, logo, torço pelo Madureira. Acabei sendo até sócio do clube, proposto por Jota Efegê".

E o turfe? Prudente abandonou o prado há mais de 20 anos mas revela com algum orgulho: "Apreendi a ler sozinho, nos programas de corrida. Meu avô materno, general Luiz Mendes de Moraes, me levava ao Jockey e ao Derby, e eu, fascinado pela soma de informações que as pessoas tiravam daqueles papéis, tratei de decifrá-los".

DA BANCADA

A literatura volta à conversa quando pergunto a Prudente como nasceu sua grande amizade com Rodrigo Mello Franco. "A apresentação foi feita por Afonso Arinos, de quem fiquei muito amigo na Faculdade de Direito — havíamos sido colegas no Pedro II mas ele era do Internato e pouco nos encontrávamos. No tempo da Faculdade, passei a frequentar a sua casa. Minha formação era toda nacional, de base portuguesa, e ele me iniciou em várias leituras, inclusive a do simbolismo francês. Afonso falava-me sempre de Rodrigo, primo mais velho que escrevia em jornal. Eu o admirava a uma distância respeitosa e assim continuei mesmo depois de lhe ter sido apresentado, até à época em que, preparando a Estética, fui procurá-lo para me aconselhar. Ficamos amigos de todos os dias e, depois que me formei, chegamos a ter várias causas juntos.

Embora apaixonado pelas letras, Prudente não se permitiu muitas experiências no campo literário. "A Cachorra" é o mais conhecido dos seus 14 poemas que foram incluídos na Antologia dos Poetas Brasileiros Bissexto Contemporâneos, de Manuel Bandeira. Dos contos que escreveu, só publicou três e todos na década de 20: "As Morte de Nero", no primeiro número da Estética, "Maria da Glória", na revista Terra Roxa, e "Bazar Colosso" (assinado Pedro Dantas) na Revista Nova.

— Também escrevi na Revista do Brasil, com Rodrigo como redator-chefe, onde ganhava 500 mil réis por mês. Ganhava é maneira de dizer: ao fim de quatro meses, eu não tinha recebido um tostão. Expliquei a situação a um gerente que Chateaubriand acabava de contratar. Dois dias depois fui chamado pelo homem que, sorridente, me anunciou: "Tenho uma boa notícia para o senhor. Chateaubriand está muito contente com seu trabalho e me autorizou a aumentá-lo para 600 mil réis". Continuei não recebendo...

Prudente só se vê como jornalista profissional a partir de 1944, quando foi para a "Folha Carioca" escrever uma crônica de turfe (José Lins do Rego havia sido lançado, com grande sucesso, como cronista de futebol). Passando, por súbita demissão do editor, a responsável por toda a página, acabou redator-chefe do jornal. Não ficou lá muito tempo "Quando surgiu a candidatura de Eduardo Gomes, não suportei a ordem que recebi de manter o jornal em posição indefinida. Pequei meu paletó e saí, seguido, imediatamente, por 17 companheiros". O "Diário Carioca" noticiou o fato, no dia seguinte, sob o título "Os 18 da Folha". E José Eduardo Macedo Soares — "Uma figura admirável", — não deixou que o jornalista rebelde ficasse mais de um fim de semana no desemprego: convidou-o para voltar a escrever sobre turfe, no "Diário Carioca".

— Fiquei assim até fins de 45. Uma tarde Macedo Soares me viu no Jockey, mandou me chamar e disse: "Vai começar a Constituinte. É uma coisa muito importante, não acha? Quer fazer a cobertura para nós? "Hesitei, mas acabei aceitando".

508 H
24/4 221
(4/5)

No mesmo dia em que Prudente de Moraes, neto se lançava no "Diário Carioca" como cronista parlamentar, Carlos Lacerda inaugurava uma coluna política no "Correio da Manhã" — por coincidência, ambos haviam escolhido o título "Da Bancada da Imprensa". Daí Lacerda ter criado o título "Tribuna da Imprensa" com o qual, mais tarde, fundou o seu jornal. "Na época da fundação da "Tribuna", ele me convidou para o lugar de redator-chefe. Mas eu ainda estava no "Diário Carioca" e não pensava em sair. O "Diário Carioca" era um jornal que não se deixa..."

Prudente veio a ser colaborador da "Tribuna da Imprensa" (crônica judiciária), do "Globo" (turfe e de "Diretrizes" políticas). Foi redator-chefe do "Diário de Notícias" e, durante 10 anos, diretor da sucursal carioca de "O Estado de S. Paulo" — "do qual sou hoje colaborador e repórter", diz, mostrando uma carteirinha profissional e achando graça na categoria em que foi enquadrado porque a de articulista não existe para fins trabalhistas.

Com toda essa fôlha de serviços prestados à imprensa, ele afirma que nunca passou de um "foca" pois deixou escapar uma notícia que teria sido a "manchete" dos jornais do mundo inteiro. Um capítulo estorrecedor, na vida de Prudente de Moraes, neto:

— "Era fevereiro de 1945. Eu estava na redação da "Folha Carioca" quando soube da morte de Mario de Andrade. Fiquei arrasado. Tomei algumas providências inadiáveis e saí, certo de que só um pileque me faria dormir naquela noite. Andando sem rumo pelas ruas, fui dar num bar onde ia, às vezes, com o Mario. Tomei dois chopes e tornei a sair, já inclinado a reconstituir um roteiro etílico-sentimental. Acabei na "Taberna da Glória", nosso ponto de encontro mais frequente. Decidi que ficaria lá até estar nas condições desejadas." Mergulhado na lembrança do amigo morto, ele só prestou atenção a seu

vizinho de bar quando numa terceira mesa surgiram protestos contra a cantoria do bêbado e, numa quarta, outro solitário tomou a sua defesa. Pelo aspecto e por uma ligeira pronúncia, o cidadão questionado parecia ser norteamericano. Prudente observou que ele funcionava como um disco: cantarolava acordes de uma música militar, recitava o monólogo, dava uma gargalhada, tomava um gole de chope e começava tudo de novo. A cena repetiu-se dezenas de vezes.

— Como acabei de dizer, isso se passou em fevereiro de 1945. Seis meses depois, explodiu a bomba atômica. Levei o mesmo choque que todo mundo, mas, lendo os jornais, tive a estranha impressão de conhecer alguma coisa do assunto — como, se era segredo absoluto até para o presidente dos Estados Unidos? Imagine minha perplexidade quando a imagem do bêbado da "Taberna da Glória" me veio à cabeça e, fazendo um esforço de memória, reconstitui o seu monólogo que dizia, aproximadamente, o seguinte: "Ah, vocês bombardearam Pearl Harbor mas vocês vão pagar. Tem uma bomba, pequenina, do tamanho de um ovo, cabe no meu bolso, mas quando vai explodir, vai arrasar uma cidade como esta. Não deixa nem mosquito vivo. Contém a energia do sol".

A RAPSODIA

A Universidade do Distrito Federal, velho sonho de Anísio Teixeira, foi fundada por lei de 1935 arrancada a muito custo da Câmara. Não querendo perder tempo, Anísio improvisou instalações e pôs alguns cursos em funcionamento no meio do ano: "Em novembro aconteceu aquela revolução que se resolveu chamar de intentona", lembra Prudente. "Foram presos vários professores e dois diretores de Escolas: Hermes Lima, de Economia e Direito, e Castro Rebelo, de Filosofia e Letras. Desgostoso, o reitor da Universidade, Afrânio Peixoto, pediu demissão. Anísio Teixeira quis tomar providências a favor dos presos mas, sentindo-se também sob suspeita, demitiu-se do cargo que ocupava, de secretário de Educação do prefeito Pedro Ernesto".

Essa primeira etapa da crise político-universitária foi superada, mas outras sobrevieram até que Afonso Penna Junior assumiu a reitoria, com a incumbência de nomear diretores para as escolas que continuavam acéfalas. Hesitante, pediu conselho a seu amigo Afonso Arinos que, por sua vez, perguntou a Prudente qual deveria ser, na sua opinião, o programa do diretor da Escola de Filosofia e Letras. A resposta não se fez esperar: "Sentar-se à mesa e despachar o expediente". No dia seguinte, Afonso Penna Junior convidava-o para o cargo: "Minha nomeação custou um pouco a sair porque o próprio Pedro Ernesto foi preso naquela noite". Não se satisfazendo com as funções burocráticas de diretor, Prudente realizou na Universidade os cursos de História da Literatura e Técnica e Crítica Literárias: "No segundo, particularmente, acho que fiz alguma coisa importante".

A passagem pela Universidade parece ter dado satisfação a Prudente de Moraes, neto, e representa uma exceção na sua vida: decididamente, ele não gosta de empregos públicos. Outra exceção foi o breve tempo — seis meses — em que exerceu a Superintendência da Moeda e do Crédito (a SUMOC que já desapareceu, mas serviu de base à criação do Banco Central).

— José Maria Witaker, ministro da Fazenda de Café Filho, insistia em me convidar para o cargo e eu insistia em recusar o convite. A certa altura ele me disse: menino, você acha que tem o direito de negar um favor que estou pedindo?" Eu me revia estudante, diante de meu pai que fazia, doente, um longo trabalho para a Carteira de Redescontos do Banco do Brasil, do qual Whitaker era o presidente. Eu queria que meu pai descansasse mas ele se recusou, argumentando: "Esse José Maria é um homem tão bom, meu filho, e está prestando um tamanho favor ao país, que não se pode recusar nada a ele". Fui para a SUMOC — mas não fiquei lá, apesar de insistentes convites, depois que Whitaker se demitiu.

Afirmam os estudiosos do "folclore" de Prudente que ele, na SUMOC, não deixou de receber e até ouvir Ismael Silva, depois de encerrado o expediente — hábito seu no "Diário Carioca", onde se formava uma roda de samba sempre que Ismael Silva aparecia por lá, Jota Efegê, seu contemporâneo no jornal, conta que o arquivo era o lugar onde eles se reuniam nos fins de noite para ouvir o compositor cantar um "poupourri" de suas músicas, que chamavam de "Rapsódia de Ismael". Refere-se com respeito e ternura ao "rapaz de família tradicional, que sabia dar valor ao samba quando a música do povo não entrava nos salões", ao redator-chefe que todos os dias, ao chegar à redação, "apertava a mão de cada um de nós".

De tanto prestar atenção à vida, Prudente de Moraes, neto, chega aos 70 anos de idade capaz de oferecer a Pedro Dantas farto material para artigos de grande interesse sobre os assuntos mais variados.

813H.
D4/4 210
(S/S)